

A CAVALLO

Onde me levas, meu cavallo? ... Upa! ...
E o corcel mais veloz que o pensamento,
Mal me sentio roçando-lhe a garupa,
Partio, as crinas sacudindo ao vento.

E' noite, e muito além, no descampado,
Por onde vâa o meu corcel fogoso,
Como um astro no occaso agonisado,
Crepita a chamma do primeiro pouso.

Mordendo o freio, atropellando os campos,
Vôa, voamos, e no nosso passo
Saltam como poeira os pyrilampos,
Ascendem astros recamando o espaço.

Noite do meu paiz! noite divina!
Onde ha sóes a brilhar no firmamento,
E, levantando estrellas na campina,
O corcel vâa como o pensamento! ...

Vôa, voamos! na soidão deserta
Tudo é silencio, a natureza dorme;
Somente a lua na amplidão aberta
Povôa a noite como um sonho enorme!

A varzea, a matta, o campo... a selva inteira
Repousa immovel, sonha adormecida!...
Alevantando os astros na poeira,
O meu cavallo passa a toda a brida.

E á luz da lua, o threno da viola,
Terno, sentido, a soluçar saudoso,
Como a alma da noite que se evóla,
Ouve-se agora no primeiro pouso!...

Onde me levas meu corcel sem freio?...
As negras crinas agitando ao vento,
Mal me sentiste repousado a meio,
Voaste, ó meu corceí, meu Pensamento!...

Noites do meu paiz! almas da selva!
Vós que sabeis do meu corcel fogoso,
Sombras da solidão! astros da relva!
Guia-o junto do primeiro pouso!...

Baltimore, 1886.

N'UM LEQUE

Houve outrora na côrte do Rei Sol
Um bardo, cuja penna caprichosa
Era o bico subtil de um rouxinol;
E co'a penna bizarra e maviosa,
Embebida nas tintas do arrebol,
Elle escrevia em petalas de rosa...
Com essa penna, em beijos embebida,
Neste setim, escrevo-te, querida.

AGHA VELI

(MORÉAS)

No seu palacio encantado
De mil andares de póрте,
Entre a nobreza da côрте,
Scisma Agha Veli sentado.

Pelos salões espaçosos
Resoam notas festivas...
Os eunuchos aos convivas
Servem vinhos capitosos.

Ao clarão dos candelabros,
A' voz das harpas, sonora,
Voam em giros macabros
As escravas de Bassora.

De subito, num assomo
De mão occulta que impelle,
Entra, sem se saber como,
Uma ave e diz: "Agha Veli,

A tua bella de opala,
Princeza de sangue azul,
Vae amanhã despozal-a
O filho do rei de Thul. „

Agha Veli ouve-a congesto
E grita por um cavallo,
Que venha, rapido e presto,
Junto a princeza leval-o!

“ Mais veloz que o vento alado,
Qual de vós, rompendo a treva,
Antes que seja o sol nado,
Ao fim do mundo me leva? „

“ Mais que o vento pressuroso
E o proprio raio iracundo
(Responde um corcel fogoso)
Eu levo-te ao fim do mundo „.

E parte como um demonio . . .
Florestas, valles, montanhas,
Rios, cidades, campanhas,
Somem-se num pandemonio.

Vê-o da sua caverna
O dragão em sobressalto
Transpondo apenas dum salto
O pico onde o lhama inverna.

A devorar horizontes
No seu galopar sem tregoa
Corre por valles e montes
Em cada passo uma legoa.

Mas dentro em momentos, antes,
Que resurja o sol no espaço
Ante um prestito arquejante
Detem o sinistro passo.

Em vez de cantos de bôda
Ouvem-se preces e rezas . . .
Filas de vellas acezas
Pontilham a noite toda.

E' um enterro de donzella,
Talvez donzella e princeza,
Vae de branco e de capella
Os symbolos da pureza.

" Dizei-me rapido e breve
(Agha Veli á turba exhorta)
Quem nesse esquife de neve
A esta hora enterra-se, morta ? „

" E' a bella da côr de opala
Princeza de sangue azul;
Ia amanhã despozal-a
O filho do rei de Thul. „

PERFIL

Teu marmoreo perfil, como heide descrevel-o?
Direi dia o teu rosto e noite o teu cabelo.

A GUITARRILHA

(FOLEY)

Vibrei a minha guitarrilha
Sob o balcão de Mona Lola;
Ella, das dobras da mantilha,
Jogou-me um óbulo de esmola.

Cantei, no mar, a uma Duqueza,
Ao marulhar das vagas querulas;
Ella me olhou triste e surpresa
E deu-me o seu collar de perolas.

Depois, em terras de degredo,
Ouvii-me uma Princeza, e, louca,
Metteu-me o seu anel no dedo
E deu-me um beijo em plena bocca.

Aos pés de um throno refulgente,
Cantei a uma Rainha, e emquanto
Ella me ouviu, copiosamente
Molhou-me a vaga do seu pranto.

Inda na igreja de um convento,
Com verve tal e graça tanta
Cantei, que ao fim, de assentimento,
Sorriu-me terna a Virgem Santa.

Fui um cantor de raça e fama,
De doce voz e olhar sympathico...
Barcarolei do Guadarrama
Ás verdes aguas do Adriatico.

Mas — ai de mim! — uma hespanhola,
A quem tentei fugir de medo,
Prendeu-me, a um gesto de *manola*,
Numa tourada de Toledo.

Damas gentis, não mais agora
A minha guitarrilha arpeja;
Nem mais rirás, Nossa Senhora,
Quando eu entrar á tua igreja.

Anel e perolas, bem logo
Vos apartei da vista minha;
E ha muito a sua bocca em fogo
Bebeu-te as lagrimas, Rainha.

Amo-a! e máu grado essa secreta
Paixão com que ella inda me humilha
Ella chamou-me *mau poeta*
E eu quebrei a guitarrilha!

ESTROPHES A BABY MEE

A tua voz!... A Poesia é nobre,
Mas pobre em côr e som para exaltal-a;
A Musica é talvez inda mais pobre,
E a Pintura, essa então já nem se fala.

Para que, pois, accumular ideias
E recorrer a trópos e chimeras,
Evocando ora o canto das sereias,
Ora a voz nunca ouvida das esferas?...

Cantal-a, só se as artes algum dia,
Reunidas em Esthetica futura,
Derem som, por exemplo, á Poesia,
Côr á musica e falas á Pintura.

A Natureza só não é bastante,
Nem como todo nem como accessorio...
E eu prefiro o trinar de uma ave errante
A' guitarrilha de D. Juan Tenorio.

Has de, no emtanto, ter ouvido, filha,
Essa guitarra de canções extranhas,
Que sendo, ao mesmo tempo, a maravilha,
Foi o terror e a gloria das Hespanhas.

Quando soava em noites de luares
A' sombra de palacios e choupanas,
Desde Sevilha em fóra ao Manzanares,
De par em par abriam-se as *ventanas*.

Pobre de *niña*, que entretanto ousasse
Ouvir-lhe o seductor threno dolente:
Era como si o portico passasse...
Per me si va tra la perduta gente!...

Outro instrumento, sujo canto, embora
Rendendo preitos a Rosina esquiva,
Eu não comparo á tua voz canora,
E' o bandolim do Conde de Almaviva.

*Je suis Lindor ; ma naissance est commune
Mes vœux sont ceux d'un simple bachelier :
Que n'ai je, hélas ! d'un brillant chevalier
A vous offrir le rang et la fortune !*

Não tinha a graça, a seducção, o encanto
Desse trinar da tua que é só teu,
Sem simile na fala nem no canto
Quer a flauta de Pan, quer a de Orpheu.

E já que falo na Mythologia,
E o profano ao sagrado se mistura,
Direi que a não comparo em harmonia
Nem mesmo á harpa eólea da Escriptura.

Ha na Biblia um versiculo, entretanto,
 Cuja lembrança a tua voz excita:
 E' quando o rei compara ao oleo santo
 O balsamo da voz de Sulamita.

Mas não ha termo de comparação
 Entre a voz della e a tua voz cantada,
 Pois nos bons tempos do rei Salomão
 Não se sabia o que era uma ballada.

A tua voz divina é como um templo
 Que santifica tudo. Ophelia louca,
 Ninon, *Amami* ou Giulia, por exemplo,
 São o mesmo poema em tua bocca.

Ophelia louca tanto mais delira
 Quanto mais terna a tua voz enleva...
 E sente-se de Giulia quando expira
Che era il male d'amor che la struggeva.

Amami, entretanto, crê, querida,
 E' a *romanza* que quero ouvir de ti;
 E o dia em que a deixar de ouvir na vida
Serà l'estremo dei miei tristi dì.

Alfredo de Musset que ergueu na lyra
 A Malibran ao tumulo pendida,
 Ai, que diria si a Ninon te ouvira,
 Essa Ninon que elle sonhou sem vida?!...

Não sei; mas foi poeta, e conjecturo
 Que havia de dizer tanto de ti,
 Que certo fôra o mesmo no futuro
 Falar em Malibran ou Baby Mee.

D. ANNA

(SOBRE UMA PAGINA DE MORÉAS)

E' minha propria esta pequena historia,
Se não falha a memoria.

Mas como estimo que ninguem a entenda,
Dou-lhe a fórma de lenda.

O meu cavallo a galopar sem treguas
Corre leguas e leguas.

Do gorro azul o meu pennacho branco
Agita-se de flanco.

Segue rente ao corcel, batendo a orelha,
Meu galgo, de parelha.

A galope! a galope! sobre o flanco
Vôa o pennacho branco.

Vou desposar a que me aguarda, ancioso
Por dar-lhe a mão de esposo.

O meu cavallo a galopar sem treguas
Corre leguas e leguas.

Posta ao balcão de seu castello, ufana,
Debruça-se D. Anna.

Quando ella ri desprendem-se do espaço
Os sóes no seu regaço.

E' como um sol radiante a face sua,
E a cutis côr da lua.

Posta ao balcão de seu castello, ufana,
Debruça-se D. Anna.

— “Meu cavalleiro, acaso a toda a brida
Corres ao fim da vida?”

— Vou desposar a que me aguarda, ancioso
Por dar-lhe a mão de esposo.

— “E' como um sol radiante a face tua
E a minha é côr da lua.

— Vou desposar a que me aguarda, ancioso
Por dar-lhe a mão de esposo.

— “Mas quando eu rio soltam-se do espaço
Os sóes no meu regaço”

Tomo-a nos braços . . . Mais e mais de fianco
Vôa o pennacho branco.

O meu cavallo a galopar sem treguas
Corre leguas e leguas.

E em vão me aguarda a que me aguarda anciosa
Por dar-me a mão de esposa!

E' minha propria esta pequena historia,
Se não falha a memoria.

Mas como estimo que ninguem a entenda,
Dou-lhe a fórma de lenda.

UM BRINDE

I

Eu bebo á manhan de amores,
Manhan em que os meus sapatos
E os teus mignons sapatinhos
(Os teus cobertos de flores,
Os meus cobertos de lama,
Lama e flores dos caminhos)
Encontraram-se juntinhos,
Pisando na mesma gramma.

II

E bebo á noite de amores,
A' noite em que os meus sapatos
E os teus mignons sapatinhos
(Os teus cobertos de flores,
Os meus cobertos de lama,
Lama e flores dos caminhos)
Encontraram-se juntinhos
Debaixo da mesma cama.

1892.

ROSITA

I

Quando ella passa — *salero!*
Viva a bella *señorita!*
Exclama *Mexico entero*
Quando ella passa: *salero!*
E' como um golpe *certero*
La mirada de Rosita.
Quando ella passa — *salero!*
Viva a bella *señorita!*

II

*Mexico quita el sombrero
A' la hermosura de Lima.
Mal se lh'avista — panderó!
Mexico quita el sombrero,
Porém se fala, que esmero
Para os trinados da rima!
Mexico quita el sombrero
A' la hermosura de Lima.*

III

*“ Para toreros Madrid „
Y Lima es para la gracia.
Para elegancia, Paris,
“ Para toreros, Madrid. „
Recuerdo el canto que oí
Un dia por mi desgraçia:
“ Para toreros, Madrid... „
Y Lima es para la gracia.*

IV

*Quando ella passa — bolero!
Acclama Mexico em grita
Viva la gracia — panderó!
— Quando ella passa — bolero!
— Y tambien yo, brasileiro,
Saludo a usted, señorita.
Quando ella passa — bolero!
Acclama Mexico em grita.*

V

*Assombra Mexico entero,
La gracia de señorita!
Mal ella surge, — salero!
Assombra Mexico entero!
Mal se lh'avista — pandero!
Viva la gracia, Rosita!
Assombra Mexico entero
La gracia de señorita.*

Mexico, 01.

DUAS PAIZAGENS

Como a tua lembrança neste instante
Me punge n'alma funda e amargurada!
E' a hora em que a terra, em luz banhada,
Estreita ao seio o sol agonisante.

E' tudo o mesmo: a casa na esplanada...
O céu azul... o morro verdejante...
Mas, sem teu vulto negro e deslumbrante,
Como esta scena é triste e desolada!...

Tambem, noutro paiz, bem longe, um dia,
Vi dominando uma paizagem fria
Um cysne preto sob um céu tristonho...

Não mais te vi que o não sonhei te vendo,
E agora — só agora — compreendo
Porque é que essa ave me povôa o sonho!...

SONETOS DE SHAKESPEARE

XIV

Eu não sei ler a sorte em astrolabios,
E nem predigo pela astrologia
A fome e a peste como uns tantos sabios,
Mas entretanto sei astronomia.

Um destino qualquer eu não leria;
Se houvesse por ventura o estranho fado
A ler de um rei ou principe de estado,
Bofé! que ao certo ler não saberia.

E' que em duas estrellas eu resumo
(Teus olhos) toda a minha astronomia;
E tanto leio nelles, que presumo

Que foste filha de um cinzel antigo,
E o dia em que morreres, nesse dia
Morre na terra a plastica comtigo.

XVII

*Assim queiram em época futura
Crer nos versos que faço ás minhas penas,
E aonde como n'um sepulcro apenas
Guardo parte de tua formosura.*

*Pois se eu dissesse de tu'alma pura
E de teu corpo como os tenho em mente
Diriam.: « Qual, este poeta mente,
Nunca existiu tão bella creatura! »*

*E os meus sonetos amarellecidos
Dormiriam nas éras esquecidos
Até que a critica os tomasse amiga,*

*Não para gloria tua ou do poeta,
Mas como norma rara ou obsoleta
Dos exageros de uma eschola antiga.*

XXI

Não sou daquelles que, exaltando aquella
A quem amar juraram cégamente,
Logo antepõem-na, incondicionalmente,
Ao sol, á lua, á perola ou á estrella.

Se são pintores, pintam-na na téla
Como o que ha de mais bello no universo;
Se são poetas, cantam-na no verso
Como em meio das bellas a mais bella.

Eu, não; de ti só digo simplesmente
(E menos não podia em prosa ou rima
Dizer) que és bella, como toda a gente.

E quem me leia que não saiba aprenda
Que se não louva prenda que se estima
Quando intenção não ha de pôl-a á venda.

LIX

*Se tudo quanto existe antes tinha existido
E nada ha mais de novo, é triste a desventura
Do pensador que traz o espirito em tortura
Para ao fim dar á luz um verso já nascido.*

*Mas quem me dera ter quanto in-folio ou brochura
Ha seculos e seculos tem-se produzido ;
Assim, talvez achasse em alguma escriptura
Noticia do teu corpo antes preconcebido.*

*Então, talvez copiando espiritos preteritos
Eu chegasse a saber como cantar-te os meritos,
Ou o segredo porquê de uma hegira afastada*

*Vens tu, de metamorphose em metamorphose,
Em eterno louvor e eterna apotheose,
Eternamente bella e eternamente amada!*

SONETO

(S. PRUDHOMME)

Sei de um louco que embalde, incessante, á porfia,
Busca uma flor que vira um dia na Allemanha,
Flor mais rara e ideal que a *edelweiss* da montanha,
De um perfume subtil e vago que inebria.

Existe acaso a flor? ou foi na phantasia
Do louco que surgiu essa chimera estranha?
Não sei, sei que um encanto excentrico acompanha
Essa flor que elle viu pela Allemanha um dia.

Diz elle que ao beijar-se a encantada corolla
Outro mundo, outro céo no perfume se evola
E sente-se na flor uma alma que suspira.

E o louco em vão procura a flor que um orbe expande!
Mas a flor é tão rara, a Allemanha é tão grande...
E elle definha e morre emquanto em sonho a aspira.

CAMPOAMOR

PAOLO E FRANCESCA

Morreria contigo, se o destino
Nos conduzisse áquelle mesmo inferno,
Onde unidos, segundo o Florentino,
Dão-se Paolo e Francesca o beijo eterno.

COM O TEMPO

Passam vinte annos : chega Elle ;
Vêm-se (*Pasmo*) Elle e Ella :
— Santo Deus ! este é aquelle ? ! . . .
— Mas, meu Deus ! esta é aquella ? ! . . .

EPITAPHIO

Foi um sonho de amor a sua historia :
Nasceu ... viveu ... esplendorosa e amada ;
Amou ... reinou ... morreu ... entrou na gloria,
E o céo fechou-se apoz a sua entrada.

BODAS CELESTES

Vi-te só uma vez e um só momento,
Mas, o que faz o vento com as palmas,
Faz entre nós, de longe, o pensamento:
São quaes duas palmeiras nossas almas
Casadas pelo vento.

TESTEMUNHA MUDA

Ah, Victoria, que fizeste?
Foi rumor de um beijo aquelle?
Bem te ouvi, quando disseste:
"Não fiz tanto assim com elle."
Ah, Victoria!
Quão fragil tens a memoria!...
Roga a Deus que nunca fale
Aquella fonte, ao pé do valle...

A TUA CARTA

Deixei-te ; para Londres, entretanto,
Escreveste-me triste :
“Fita essa estrella que fitámos tanto
Na noite em que partiste. „

Falaste-me de modas, porém, logo
Volveste, apaixonada :
“Põe nessa estrella teu olhar de fogo,
Onde eu vivo enlevada! „

Pura e triste illusão, que noite aquella!
Quando a carta te lia,
Não pude ver nossa querida estrella...
Porque em Londres chovia.

LOUROS, PRETOS E BRANCOS

I

A mãe de meu amor, que está no céo,
Quando eu era menor, como um thezouro,
Trazia ao seio, sob negro véo,
Os meus cabellos amarellos de ouro.

II

Outra mulher que, com su'alma toda,
Me adorava, leal e feiticeira,
Sempre trazia, desde nossa boda,
Mechas de minha negra cabelleira.

III

Ai! como agora nenhum peito amigo
Quer mais guardar as minhas cans de gelo,
Leval-as-ei ao tumulo commigo,
Eu guardarei na morte o meu cabello!...

INTERMEZZOS DE HEINE

IX

Bellas estrellas, se algum dó mereço,
Falae de mim a meu amor distante,
Dizei-lhe que ainda e sempre permaneço
Pallido, o peito em chagas, mas constante.

XXXVI

Sei de um logar entre os logares santos,
Onde do Ganges a caudal estúa,
Para levar-te na aza de meus cantos.

Ali, na atmospherá embalsamada,
Entre perfumes, ao clarão da lua,
Lotus em flor, aguarda-nos, amada.

Hão de as rosas, ao verem-te, mais bellas
Enciumar-se ; phrases perfumadas
Trocarão entre si lirios e estrellas,
E hão de ver-te as gazellas assombradas.

E á sombra amiga que a palmeira encanta,
Onde do Ganges a caudal estúa,
Sonharemos de amor, em terra santa,
Entre perfumes, ao clarão da lua.

XLII

Por vezes de uma lenda mysteriosa
Surge uma branca mão abençoada,
Mão que me guia e leva carinhosa
A uma terra encantada.

Terra do sonho incognita paragem!
Vejo ali nos poentes magoados
As flores que entre-beijam-se na aragem
Como seres amados.

Toda a paisagem se polvilha de ouro:
Cantam as fontes murmuras e querulas,
Cantam todas as arvores em côro
Num marulho de perolas.

São cantigas de amores nunca ouvidas
De nós outros mortaes e sonhadores;
Estas sim, de nós outros não sabidas,
São cantigas de amores.

Ah! quem me dera me prendesse um dia
Aquella branca mão abençoada,
Livre de dores, cheio de alegria,
Nessa terra encantada!

Mas a terra transmuda-se em deserto
De solidão, inhospito e medonho,
Pois essa terra esvae-se, mal desperto,
Como as nevoas de um sonho.

XLIX

O phantasma da minha phantasia
Surge ás vezes da tumba semi-morto,
Para falar-me á vida que eu vivia
Outr'ora em ti e em teu amor absorto.

Passava o dia sem fazer mais nada
Que andar nas ruas indistinctamente:
Tinha a fronte tão livida e fechada
Que infundia temor a toda a gente.

A' noite continuava o afan diurno:
Nem uma porta na cidade aberta
Quando eu com minha sombra, taciturno,
Vinha a cidade percorrer deserta.

Célere o passo, o coração latente,
Andava aqui e ali de rua em rua...
Como para mofar-me sorridente
Collava a noite a mascara da lua.

E delinha-me em frente á tua casa
Aguardando-te a vinda palpitante.
A mente ardendo de tal modo em braza,
Que ao lembrar-me inda punge aquelle instante.

E' que eu sabia que o teu vulto amado
Costumava ao balcão olhar a rua,
E ver-me ali como um pilar plantado,
Banhado em cheio pela luz da lua.

EPILOGO

Quero enterrar estas canções magoadas,
Tristes sonhos de minhas illusões :
Venha um esquife, pois, de não sonhadas,
Enormes dimensões.

Pretendo encher-o de tal modo estranho,
Que ao proprio peso de pesado vergue,
Comquanto o queira grande e do tamanho
Do tonel de Heidelbergue.

Preciso em summa um féretro impossivel,
De dimensão tão vasta e tão extensa,
Que exceda o comprimento inexcedivel
Da ponte de Mayença.

Venham doze gigantes, taes e em tudo
Tão grandes, que se apouque de pequeno
São Christovam, esse Hercules membrudo
De Colonia do Rheno.

Peguem agora esse caixão estranho
E queiram-no, gigantes, atirar
Ao mar, que para féretro tamanho
Só um tumulto — o mar!

E sabeis porque assim tão desmarcados
Cova e caixão sonhei na minha dor?
— Porque nelles sepulto, desgraçados!
O meu immenso amor!



INDICE



INDICE

| | Pag. |
|---------------------------|------|
| ESTUDO CRITICO | I |
| FONTOURA XAVIER | XI |

MUSA LIVRE

| | |
|---------------------------------------|----|
| Musa livre | 5 |
| Tiradentes | 6 |
| O velho Deus | 9 |
| Massas de bronze | 12 |
| Orphée aux enfers | 13 |
| Ave, Italia! | 15 |
| Fiat lux! | 20 |
| Brinde | 22 |
| Junto de um morto | 23 |
| El-rei Cartaphilo | 24 |
| A morte de Gérard de Nerval | 25 |
| Monologo de um sceptico | 28 |
| Pompilio de Albuquerque | 30 |
| A' guerra! | 31 |
| Adeus | 33 |
| Carvalho Junior | 35 |
| A grande viagem | 37 |
| Um brilhante | 38 |
| Revolta do tumulo | 39 |
| A aguia pellada | 40 |
| Philosophia | 43 |

| | Pag. |
|------------------------------------|------|
| As cataractas do Niagara | 44 |
| Causa | 46 |
| Salve, Cesar ! | 47 |
| Elegia | 49 |
| Lenda arabe | 50 |
| Battage | 52 |
| Reliquia de Mahadura | 53 |
| O afogado | 55 |
| As montanhas | 57 |
| Merito | 58 |
| A caridade | 59 |
| Educação | 61 |
| A caravana espectro | 62 |
| Incognito | 65 |
| Expansão | 66 |
| Ambição | 68 |

CLOWNS

| | |
|--------------------------------|----|
| Roast-beef | 73 |
| A mulher do palhaço | 74 |
| Sobre uma pagina | 75 |
| Carlos Torisco | 76 |
| Carta á vizinha | 77 |
| A lua | 78 |
| Musa da Arcadia | 79 |
| Em trajos menores | 80 |
| O monstro | 84 |
| O pagem | 85 |
| Ao Silvestre de Lima | 92 |
| Andaluz | 93 |
| Estudantina | 94 |
| Ixora | 95 |
| Céo aberto | 96 |
| Segredos | 97 |
| O epigramma | 98 |

Pag.

RUINAS

| | |
|----------------------------------|-----|
| Flor da decadencia | 103 |
| Spleen | 104 |
| Pomo do mal | 107 |
| Um prologo | 108 |
| Thermas de luz | 109 |
| A' margem da corrente | 111 |
| Falam as flores | 112 |
| Loura e branca | 115 |
| Nocturno | 117 |
| Nevrose | 119 |
| A mulher que ri | 120 |
| Dama das camélias | 121 |
| A minha dor | 122 |
| Estudo anatomico | 124 |
| O Eldorado | 125 |
| Spleen | 127 |
| Preludio | 128 |
| O horizonte | 129 |
| Os passaros | 130 |
| O coração | 131 |
| Adeus ! | 132 |
| A bola de ouro | 133 |
| A minha estrella | 135 |
| Paraphrase a C. Flores | 137 |
| A venus de Washington | 138 |
| Madrigal | 140 |
| Ao largo | 141 |
| Portico de album | 143 |
| A cavallo | 145 |
| N'um leque | 147 |
| Agha Veli | 148 |
| Perfil | 151 |
| A guitarrilha | 152 |
| Estrophes a Baby Mee | 154 |

| | Pag. |
|----------------------------------|------|
| D. Anna | 157 |
| Um brinde | 160 |
| Rosita | 162 |
| Duas paizagens | 165 |
| Sonetos de Shakespeare | 166 |
| Soneto | 170 |
| Campoamor | 171 |
| Intermezzos de Heine | 179 |
| Epilogo | 185 |

112

CONT

D. Anna
Um brinde
Resina
Doss paisagens
Sonetos de Shakespeare
Soneto
Campanhar
Intermezzos de Heine
Epilogo

Casimiro de Abreu

As primaveras, poesias, O Camões e o Jáo (scena dramatica), Dois romances em prosa; edição precedida d'um juizo critico de varios escriptores brasileiros e de um prologo por M. Pinheiro Chagas, 1 vol. br. 500, cart. 700

Gonçalves Crespo

Obras completas, precedidas de uma introdução e revistas por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, e seguidas d'um appendice, comprehendendo os seus inéditos de prosa e verso, 1 vol. cart. 1\$500

Antonio Feijó

Cancioneiro Chinez, 2.^a edição, revista e augmentada, 1 vol. br. 800

J. Simões Dias

Peninsulares. Collecção de obras poeticas, 5.^a edição com um estudo critico-biographico pelo Visconde de Sanches de Frias, 1 vol. 600

Luiz Guimarães

Sonetos e rimas, 2.^a edição, revista e augmentada com um prefacio de Fialho d'Almeida, 1 vol. 1\$000

João Braz d'Oliveira

Portugal, romance cavalheiresco, com um prologo por Xavier da Cunha 400

Affonso Lopes Vieira

Poesias escolhidas (1898—1902) 1 vol. 600

João de Barros

Caminho do amor, 1 vol. 400

Conde de Monsaraz

Bemvinda, poema em 5 cantos. 200

Luiz Guimarães, filho

Livro da minha alma, 1 vol. com o retrato do auctor, cart. 600

NO PRÉLO

O Encoberto. Poema de Affonso Lopes Vieira.